



# A ESCALADA DA DESMEDIDA: RELAÇÕES INTERNACIONAIS SOB GUERRA CIFRADA E VISIBILIDADE MEDIÁTICA À SOMBRA LONGEVA DA GUERRA FRIA<sup>1</sup>

THE ESCALATION OF ABSOLUTE ASYMMETRY: INTERNATIONAL  
RELATIONS UNDER VEILED WAR AND MEDIA VISIBILITY IN THE  
LONG-STANDING SHADOW OF THE COLD WAR

*LA ESCALADA DE LA DESMEDIDA: RELACIONES  
INTERNACIONALES BAJO LA GUERRA CIFRADA Y LA VISIBILIDAD  
MEDIÁTICA A LA SOMBRA LONGEVA DE LA GUERRA FRÍA*

34



## Eugênio Trivinho

■ Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGCOS/PUC-SP), Coordenador Geral do CENCIB - Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura nessa instituição e Pesquisador do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, em cujo Diretório de Grupos de Pesquisa o CENCIB/PUC-SP está cadastrado. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), é Assessor ad hoc do CNPq, da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Coordenador do PEPGCOS/PUC-SP no biênio 2011-2013 e Vice-Coordenador no período de 2005 a 2009.

■ E-mail: [eugeniotrivinho@uol.com.br](mailto:eugeniotrivinho@uol.com.br)

<sup>1</sup> O presente artigo deriva de pesquisa desenvolvida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, com apoio do CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa).

## RESUMO

O artigo aborda o *princípio estratégico da desmedida absoluta* que preside as relações políticas e midiáticas entre nações historicamente beligerantes, sob a égide residual da Guerra Fria. Situado na intercessão temática entre *media*, guerra e relações internacionais, o texto mapeia, na primeira parte, os fatos empíricos motivadores da reflexão, atinentes ao recrudescimento singular, em 2014, dos conflitos entre Israel e Palestina e entre Estados Unidos/União Europeia e Rússia. Na segunda parte, a argumentação dissecar a *escalada da desmedida* na esfera da beligerância transnacional – suas origens e historicidade, sua natureza e fundamento, seu significado e originalidade social-históricos, e suas consequências –, à luz de três fatores conjugados: o anúncio de restrições econômico-financeiras como declaração cifrada de guerra; investidas bélicas territoriais e ações planejadas na visibilidade midiática transnacional, envolvendo robusto *marketing* de guerra.

**PALAVRAS-CHAVE:** VISIBILIDADE MEDIÁTICA; RELAÇÕES INTERNACIONAIS; ESCALADA DA DESMEDIDA; GUERRA CIFRADA.

## ABSTRACT

This article addresses the strategic principle of absolute asymmetry that governs the political and media relations between historically belligerent nations under the residual aegis of the Cold War. Situated at the thematic intersection between the media, war and international relations, the first section of this text sets forth the empirical facts that give rise to reflections about the singular recrudescence of the conflicts between Israel and Palestine and between the United States/European Union and Russia in 2014. In the second section, the argument dissects the *escalation of absolute asymmetry* in the sphere of transnational belligerence – its origins and history, its nature and grounds, its socio-historical significance and originality, and its consequences –, in the light of three combined factors: the announcement of economic and financial restrictions as a veiled declaration of war; territorial warlike onslaughts and actions planned in transnational media visibility, involving powerful war marketing.

**KEYWORDS:** MEDIA VISIBILITY; INTERNATIONAL RELATIONS; ESCALATION OF ASYMMETRY; VEILED WAR.

## RESUMEN

El artículo reflexiona sobre el principio estratégico de la desmedida absoluta que preside las relaciones políticas y mediáticas entre las naciones históricamente beligerantes, bajo la égida residual de la Guerra Fría. Insertado en la intersección temática entre media, guerra y relaciones internacionales, el texto especifica, en la primera parte, los hechos empíricos motivadores de la reflexión, ligados a la agudización singular, en 2014, de los conflictos entre Israel y Palestina, y entre Estados Unidos/Unión Europea y Rusia. En la segunda parte, el argumento disecciona la *escalada de la desmedida* en la esfera de la beligerancia transnacional – sus orígenes y su historia, su naturaleza y su fundamento, su significado y su originalidad socio-históricas, y sus consecuencias – a la luz de tres factores combinados: el anuncio de las restricciones económico-financieras como declaración cifrada de guerra; asaltos bélicos territoriales y acciones en la visibilidad mediática transnacional, con robusto *marketing* de guerra.

**PALABRAS CLAVE:** VISIBILIDAD MEDIÁTICA; RELACIONES INTERNACIONALES; DESMEDIDA; GUERRA CIFRADA.



*Enquanto ganhavam tudo, já descarregavam a sua fúria como aqueles que nada têm a perder.*

ADORNO (1992, p.90)<sup>1</sup>

*Vou revelar-te o que é o medo num punhado de pó.*

T.S. ELIOT (1981, p.90)

### 1. Balanço de fatos: renovação bélica do *dejà vu*

No recrudescimento das relações entre judeus e palestinos no Oriente Médio em julho de 2014, Israel massacró civis palestinos na faixa de Gaza e na Cisjordânia, com ações militares aéreas e terrestres, como revide aparentemente indiscriminado ao sequestro e assassinato de três estudantes na Cisjordânia, crimes que o governo do premiê israelense Binyamin Netanyahu alegou terem sido cometidos pelo grupo muçulmano sunita e fundamentalista Hamas. Entre os palestinos, contaram-se, uma vez mais, milhares de vítimas, entre crianças, adolescentes, mulheres e idosos, que perderam a vida nas dependências de hospitais, escolas, praias e outros lugares estranhos a escaramuças campais. Desde a sua fundação em 1947 no leste do Mediterrâneo, em terras consideradas sagradas por várias vertentes religiosas (entre elas o judaísmo, o cristianismo e o islamismo), Israel se tornou um Estado blindado em razão da hostilidade ininterrupta das ações das Brigadas Izz al-Din al-Qassam, o braço armado do Hamas, e dos países árabes regionais que lhe dão sustentação. Ao término (infundo) da operação militar no território palestino, Israel contabilizava mais de 60 óbitos, entre soldados e civis.

No mesmo período [julho de 2014], os Estados Unidos e a União Europeia anunciaram sanções multilaterais contra a Rússia, em represália tardia à anexação da Crimeia pelo governo de Vladimir Putin e ao apoio deste aos milicianos separatistas pró-Kremlin na Ucrânia. Em setembro, por motivos idênticos, o governo de Barack Obama, do partido democrata, e a Europa lançaram nova

<sup>1</sup> Excerto intitulado “Desmesura por desmesura” (redigido em 1945), sobre o “horror alemão” entre 1933 e o final da Segunda Guerra Mundial.

investida contra o gigante eurasiático, arrastando para zona obscuramente incerta o escopo das medidas anteriores. Ao todo, as sanções ocidentais abrangeram setores estratégicos da economia russa, como tecnologia, indústria petrolífera, sistema bancário-financeiro e segurança nacional. A segunda investida, no entanto, expandiu e intensificou o arco de restrições, ao impedir, por exemplo, e em especial, que megacorporações petrolíferas russas tomassem financiamento direto nos mercados de capitais europeu e norte-americano.<sup>2</sup>

Os efeitos das duas ondas de sanção à Rússia nem de longe correspondem, em escalas mesmo flexivelmente fixadas, ao estrago mortuário realizado pelas ações militares segredadas (sempre oficialmente negadas) do Kremlin, a partir abril de 2014, no leste do território ucraniano.<sup>3</sup> No horizonte e no limite, as sanções propenderam para vitimar, a médio prazo, toda a sociedade civil russa, a começar pelo conteúdo ameaçador do anúncio retumbante das medidas, movido a *marketing* de Estado, sob a generosa ajuda dos *media* de massa ocidentais.<sup>4</sup> Em ambos os casos

<sup>2</sup> As últimas sanções incluíram congelamento de bens, em território norte-americano, de cerca de vinte dirigentes políticos russos e líderes ucranianos pró-Moscou, aditando-os aos onze visados pelas sanções progressivas. Em particular, o governo Barack Obama deixou no ar ameaça de novas medidas para prejudicar a “espinha dorsal” da economia adversária.

Em sequência cumulativa a essas duas “bombas políticas” do Ocidente, notícias internacionais deram conta de que a OTAN e a Rússia reanimaram rusgas históricas pré-*perestroika* e *glasnost*, com a realização, no início de setembro de 2014, de uma reunião de cúpula, no País de Gales, da referida organização militar, visando traçar o plano de ação contra o governo Putin em razão de suas insistentes investidas expansionistas no leste e no sudeste da Ucrânia e na Península Balcânica.

<sup>3</sup> Segundo dados de cinco meses posteriores, o combate entre forças governamentais ucranianas, controladas desde Kiev, pró-Occidente, e milicianos rebeldes alinhados ao Kremlin havia matado cerca de 3 mil pessoas, entre militares e civis.

<sup>4</sup> Ante a segunda rodada de sanções, o Kremlin reagiu mediante discurso dissuasivo esperado, minimizando obviamente repercussões na economia interna. Porta-vozes do governo, com efeito – em aparente contradição informativa – alegaram que o país não descartava recorrer à Organização Mundial do Comércio (OMC).



– o de Israel e Palestina e o dos Estados Unidos e Europa –, salta aos olhos o fato bruto da ausência de equivalência mínima dos revides em relação aos atos que os motivaram, sinal evidente do pressuposto profundo de *icebergs* históricos e conflituais inominados.

A questão tem fatores complicadores extensivos, de história, religião e economia política, que remontam à Primeira Guerra Mundial e que não poderão ser abrangidos aqui. Ressalve-se, igualmente, que a redução do tema a qual rei do tabuleiro tenha razão deprecia a reflexão objetiva. A crítica vergada a apenas um lado contribui para a regressão do esclarecimento público, não importa o polo dotado de maior razão; e ambas as partes, se não a têm, somam motivos de sobra para justificar seus atos e versões, cada qual em seu reduto de confronto e com suas flâmulas, em tudo confluentes na defesa de uma pró-ocidentalidade cultural revisitada.

Importa, fundamentalmente, destacar, em primeiro lugar, esta filigrana fenomênica, tão naturalizada quanto pouco discutida, com consistência: a da desmedida absoluta e reativa no plano das relações internacionais e suas consequências imprevisíveis; e, em segundo lugar, convém relacioná-las à reorganização geopolítica da tendência mundial majoritária, na qual a Rússia comparece soluçando melancolia czarista em prol da restauração de poder similar ao do período 1947-1991. A reflexão sobre esses dois aspectos temáticos são cumpridas a seguir.

## **2. Princípio estratégico da desmedida absoluta: erosão da equivalência na esfera da beligerância transnacional mediatizada**

Cara a teorias sociais dos anos 1980 alinhadas ao pós-estruturalismo, a erosão do princípio razoável da equivalência (real ou ilusório, pouco conta aqui) volta à tona, no início do século XXI, em seu lugar cativo, isto é, no trecho das relações internacionais (ainda) cruciais, entre o Ociden-

te e a Rússia, em vinculação com três fatores: a intensidade de restrições econômico-financeiras, as investidas bélicas conjugadas e a ação planejada na visibilidade mediática planetária, incluindo monitoramento em redes sociais.

Sabe-se, contudo, que, modernamente, tal arriunamento de simetrias ponderáveis em perímetro internacional guarda relações umbilicais e voláteis com o estilhaçamento de toda equivalência no reino profuso da mercadoria – mais propriamente, no do valor de troca e valor de uso –, com a flutuação da lei do valor para além da lógica dos custos *stricto sensu* e com repercussão em preços finais. Essa indeterminação no coração do valor, descendo a injunções da vida prática, pode ser observada no capitalismo do século XX, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial; decorre da priorização pós-industrial e comercial de elementos imateriais como *design* e *status* de classe, enfim, valores-signo (cf. Baudrillard, s. d.), bem como da defesa corporativa prévia contra a iminência de queda nos lucros (com a inserção de expectativa nos preços da cadeia produtiva e de consumo), gerando bolha subjetiva e oficiosa em espiral, com efeito “bola de neve” concreto.

A quebra draconiana do princípio da equivalência, por envolver potências que dominam tecnologias nucleares, destina-se a punir e fazer inimigos recuarem de posições e decisões. Trata-se de resposta bombástica, de base militar, política e/ou econômico-financeira, que indicia o recrudescimento aparentemente bem reorganizado e oportunista de uma direita política (republicana, democrática, monárquica ou mista, tanto faz) em escala ocidental, sempre em nome de valores caros à tradição moderna, como os direitos humanos e a liberdade, em vertentes liberais. Se essa meta não é (ou não pode ser) chancelada pela ONU – que, infelizmente, restou, mais uma vez, relativizada no processo de conversações multilaterais nos dois menciona-



## Cara a teorias sociais dos anos 1980 alinhadas ao pós-estruturalismo, a erosão do princípio razoável da equivalência (real ou ilusório, pouco conta aqui) volta à tona, no início do século XXI (...)

dos casos –, ela se cumpre, então, pelas rebarbas, à revelia de seu Conselho de Segurança, embora, às vezes, não sem seu beneplácito discursivo ou pressuposto.<sup>5</sup>

Essa política da hipérbole responsiva, da desproporção exagerada como desafio, da desmedida estratégica como “guerra sem-guerra” (mais que simbólica, cifrada, quase invisível, e menos que campal, traduzida em “teatro de operações”),<sup>6</sup> corresponde a antigo e bem sabido princípio político e beligerante, cuja eficácia foi originalmente percebida pelo general chinês Sun Tzu (2009), no século 5 a.C.: no ápice irreversível de um conflito, deve-se materializar resposta a mais potente, espetacularizada e dramática possível, de repercussão tanto avassaladora quanto pedagógica, sejam quais forem as circunstâncias desse revide, objetivando perturbar, física e psicologicamente, o inimigo, arruinar sua vontade de reagir, até a paralisia por longo prazo, e fazê-lo jamais esquecer a experiência da derrota.

Significa, portanto, mais que mera investiva esquizoparanoide no campo político, destinada a fincar posicionamento defensivo prévio sob adornos de afronta discursiva. O *princípio estratégico da desmedida absoluta*, estruturalmente suspenso durante a Guerra Fria, entre os dois grandes blocos beligerantes, visa, como a própria expressão sinaliza, talhar procedimentos que, no caudal segredado de bastidores seletos, configurem, em termos precisos, *guerra em curso*, embora, no plano do discurso, fatos silentes sejam sempre desmentidos em público, como sói à política fazer, em jogo

de mentira dissuasiva, em nome de algum bem ou motivo maior supostamente justificatório. Com o anúncio das sanções à Rússia, os Estados Unidos e vários países da Europa declararam, nas entrelinhas (sem ofício nem discurso explícito ou direto), guerra ao gigante eurasiático – declaração que, para todos os efeitos oficiais, não houve, nem nunca haverá –, com lastro em reprimendas previstas em tratados internacionais em vigor.<sup>7</sup> A impetuosidade mediática de tal ataque (sempre parelha às do Kremlin) sublima, de modo substitutivo, a efetividade da própria conflagração, que se processa então integralmente no terreno simbólico da contra-agressão como espetáculo, devido ao apoio popular quase zero por parte das sociedades civis em âmbito internacional em relação à guerra propriamente dita entre os dois blocos de poder.

No caso das mencionadas sanções, a nuance substantiva é que se comprova, *mutatis mutandis*, como agravante, o uso de idêntico móvel do terror:

7 Em complemento, vale enfatizar a necessidade de se suspender todas as ilusões em relação à escala da beligerância *non-stop* após a Segunda Guerra Mundial. Desde a criação da OTAN, em 1949, à sombra da chantagem nuclear entre o Ocidente e a então União Soviética, qualquer conflito bélico, mesmo se local, de que essa organização militar participe, direta ou indiretamente [neste caso, com jogo de cena estratégico para a visibilidade mediática de massa (em *marketing* de guerra literal), especialmente no âmbito de seu ramo jornalístico], configura-se, em acepção extensa, como guerra mundial. Na atualidade [na referência de agosto de 2014], a OTAN contabiliza apoio permanente de 28 países signatários (veja-se adiante) e parceria condicional com outros 41 ao redor do mundo, representando, no conjunto, elevadíssimo percentual da economia global (impassível de precisão confiável), em termos de PIB bruto pressupostamente comprometido no esteio a conflitos bélicos, efetivos ou potenciais, materiais e/ou informacionais (de espionagem). (São as seguintes as nações signatárias da OTAN: Estados Unidos, Canadá, Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Reino Unido, Grécia, Alemanha, Espanha, Polónia, República Tcheca, Hungria, Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Croácia, Albânia e Turquia. Japão e Rússia não fazem parte da organização).

5 Tais rebarbas se tornaram – lembre-se – uma espécie de rascunho a limpo, pretensamente legítimo, assacado de tendências unilaterais, desde ao menos a resposta americana aos ataques terroristas ao World Trade Center e ao Pentágono, em setembro de 2011.

6 Vejam-se adiante as observações sobre a lógica do potlatch.



a tomada de assalto, na chantagem, de cidadãos da nação adversária, aos milhões, para conseguir a desmoralização ou a humilhação escancarada, na visibilidade mediática internacional, de seu governo e da cultura institucional e popular que o sustenta, para exigir do rival estatal, na trilha dos contos de fada, alguma troca possível, não raro inaceitável (e impossível) de origem: humildade em praça pública e recuo estratégico, com aguardada *mea culpa*, que jamais vem. O intento segue tradição de cunho próprio, de política de Estado norte-americano, desde a Segunda Guerra Mundial, mas, na sequência empírica dos eventos recentes, reproduz, por antecipação e no limite, o resultado macabro que Israel reeditou, concretamente, na faixa de Gaza, com ataques aéreos e invasão terrestre: ruína descomunal à vitalidade de massa, na indignante economia política da mortandade civil.

Reagindo ao prejuízo, o Kremlin explorou, a gotas contadas, na propaganda de Estado, seus limites de resistência: retaliou a União Europeia com embargos e ameaças comerciais, reestruturou sua estratégia militar de defesa em resposta à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)<sup>8</sup> e atçou a Casa Branca e a CIA ao conceder asilo político por três anos a Edward Snowden, o ex-agente do serviço secreto norte-americano que, vestindo “fogo amigo”, lançou “bombas” sequenciais àquele Estado, bombas imateriais, de informação, ao escandalizar o mundo com a revelação da paranoia de um programa de vigilância eletrônica transcontinental e sem precedentes na história. Esse programa, aliás, integra, como lastro básico, a escalada da desmedida.

Nesse contexto, a visibilidade mediática internacional – tecido social-histórico e tecnocultural

8 A mudança, adotada no mesmo período de organização da reunião da OTAN reportada na nota 3, incluiu exibicionismo de armas atômicas, em teste de míssil intercontinental reportado pela grande imprensa ocidental, em 10 de setembro de 2014. Veja-se, a respeito, [www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/09/1513827-russia-faz-teste-bem-sucedido-de-missil-nuclear.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/09/1513827-russia-faz-teste-bem-sucedido-de-missil-nuclear.shtml). Acesso em: 15 set. 2014.

cerzido e preservado na e pela concatenação operacional ressonante ou dissonante da produção simbólica e imagética diuturna dos *media* de massa, interativos e híbridos, sobretudo os mais influentes, eletrônicos, glocais (rádio, televisão, Web e celulares) (cf. Trivinho, 2010, 2012) –, figura, ao mesmo tempo, como tabuleiro invisível, sem regras rígidas, muito menos seguidas estritamente, dessa guerra em fluxo, com lances acelerados, processada aqui e agora, fora do campo perceptual comum [guerra pura, nos termos de Paul Virilio (1984)], e também, como caixa de ressonância de todas as investidas político-belicosas dos Estados nacionais envolvidos.

Décadas recentes testemunham, em escala transnacional, a pouca novidade do princípio estratégico da desmedida absoluta. Assistiu-se ao mesmo nas invasões bilionárias que a Casa Branca realizou no Afeganistão, em outubro de 2001, e no Iraque, em 2003 (neste caso, com apoio declarado de dezenas de países), durante o governo republicano de George W. Bush, filho; e, antes disso, na não menos custosa operação feita no próprio Iraque, após Saddam Hussein ter invadido o Kuwait, em agosto de 1990, motivando o confronto conhecido como Guerra do Golfo (a primeira mercadoria bélica de consumo ao vivo),<sup>9</sup> sob fiança do governo George Bush, pai, também republicano. Em 1986, já na administração de Ronald Reagan, do mesmo partido, os fatos conspiraram repetição no severo bombardeio aéreo realizado em Trípoli, capital da Líbia, contra instalações da ditadura de Muammar Gaddafi, deposto, em 2011, com a ajuda da OTAN, sob a tutela dos Estados Unidos (com Bush filho) e referendo da ONU. Em 1999, a desmedida estourou na Sérvia, quando Bill Clinton, de tendência democrata, autorizou violentos ataques também aéreos, por quase um ano, para deter, com forças também da OTAN, a limpeza étnica local patrocinada pelo iugoslavo Slobodan

9 Evoquem-se aqui as “crônicas” desta guerra – videogame war, na velocidade da luz – escritos por Virilio (1991).



Milosevic, rendido na operação. Equívocos recorrentes de alvo, multiplicando “danos colaterais” (este eufemismo estratégico para matança lamentada e justificada), espalharam drama de proporções humanitárias, com milhares de vítimas civis, entre mortos e refugiados.

Essas cinco investidas beligerantes, entre dezenas de outras evocáveis na modernidade política, pretenderam-se exemplares, para a sua inscrição a ferro e fogo no espectro simbólico internacional, onde se situa o jogo contendor da política. À sombra das constantes preocupações com o fornecimento de petróleo e de seus derivados aos países ocidentais, essas ações militares visavam patentear a superioridade de quem detém o cetro histórico da vez, bem como para gerar as condições necessárias para preservá-lo, muito longe de qualquer contra-ameaça.

São todas heranças bastardas da “resposta Hiroshima e Nagasaki”, a pura desmedida atômica, destinada a deter o nazismo na política de Estado e a encerrar a Segunda Guerra Mundial, em 1945. Essa resposta foi protagonizada pelas tropas aliadas, sob a liderança dos Estados Unidos (então sob administração democrata, primeiro de Franklin Roosevelt, depois, de Harry Truman), contra a monarquia constitucional japonesa de Michinomiya Hiroito, numa época igualmente não bipolar, multipolar, antes do início da Guerra Fria, naquele mesmo ano.

### 2.1 Doutrina *Shock and awe*

A resiliência institucional advoga húmus dinâmico bastante conhecido. Reciclam-se os atores, arrastam-se as ideologias, sob lastro em estruturas de fundo longevas. O departamento de defesa americano, escorado em convicções inconfessadas da CIA, não deixou de agir conforme idêntico norte bélico, passados anos. Na invasão do Iraque realizada em março de 2003, para derrubar Saddam Hussein e minar as bases muçulmano-sunitas de seu governo, os Estados Unidos, com duplo esteio europeu, dos primeiros-ministros Tony Blair, pelo

Reino Unido, e José Maria Aznar, pela Espanha, ao arrepio do Conselho de Segurança da ONU, intitularam a sua operação de *Shock and awe* (“Choque e pavor”), tida para jamais ser esquecida pelos adeptos árabes e islâmicos do antiamericanismo. O nome da operação tem base bibliográfica recente, de caráter doutrinário: remete ao livro dos ex-militares e teóricos de guerra Harlan Ullman e James Wade, *Shock and awe: achieving rapid dominance*, lançado em 1996 e adotado, antes da invasão, por Donald Rumsfeld, então secretário de defesa norte-americano. O livro reescreve e leva às últimas consequências recomendações estratégicas do século XIX, feitas pelo general alemão Carl von Clausewitz, em *Da guerra* (Martins Fontes, 1996), além das de Sun Tzu.

Como na guerra contra os Talebans, no Afeganistão, o resultado da operação “Choque e pavor”, finalizada em dezembro de 2011, confirmou a carnificina previsível, em imagens que marcaram época, divulgadas pela imprensa e espalhadas via Internet: centenas de milhares de não combatentes iraquianos simplesmente dizimados, num escambo desproporcional de fêretros, movido a ataques aéreos (com “pontaria cirúrgica” marcada por falhas de alvo e cálculo) liderados por Estados de Direito, com esteio na razão, na técnica e na ciência, em aparente reação redentora à vida de cerca de 3 mil inocentes destruída com a queda das torres gêmeas em Nova York. Sem estatísticas seguras sobre as mortes de iraquianos, estima-se algo em torno de 100 mil civis; se inclusos os combatentes, o número sobe para cerca de 600 mil. Famílias norte-americanas enterraram quase 5 mil soldados; e a Grã-Bretanha, menos de 200.

### 2.2 Natureza do princípio da escalada da desmedida absoluta: *Potlatch* de guerra

A sistematização conceitual e explanativa, com requintes propositivos, da doutrina *Shock and awe* foi feita por Ullman e Wade. Urge,



Importa, fundamentalmente, destacar, em primeiro lugar, esta filigrana fenomênica, tão naturalizada quanto pouco discutida, com consistência: a da desmedida absoluta e reativa no plano das relações internacionais e suas consequências imprevisíveis (...)

diferentemente, desviar o foco da questão para a natureza fenomênica peculiar da escalada da desmedida. Em primeiro lugar, o fulcro da desmedida não é quantitativo, mas eminentemente qualitativo: caudatária do princípio do excesso como valor logístico e *a priori*, importa, antes de tudo, a exuberância da exposição mediática e mobilização concreta de recursos estratégicos e arsenais, numa intensidade concentrada em “estouro” o mais gigantesco possível, em curto hiato temporal (do ponto de vista social-histórico e fenomênico) e desde o início da operação. Guardadas as diferenças de natureza e contorno, bem como de tempo e espaço, essa característica tendencial insistente não deixa de evocar a lógica do *potlatch*, sistema econômico-cultural de trocas de/entre certas tribos da Austrália, dos Estados Unidos, da Melanésia e da Papua Nova Guiné, originalmente estudada por Marcel Mauss (1974, p.184-314) e, depois, no caso do *modus operandi* da dádiva ou dom aí pressuposto, retomada por Georges Bataille (1975), no âmbito filosófico e contraeconômico, e por Jean Baudrillard (s. d.), no âmbito cultural da sociedade de consumo e de comunicação, na perspectiva pós-estruturalista. Alain Caillé (1989, 2002) e Guy Nicolas (1986) têm levado essa teoria a estágio de diversificação temática e aprofundamento conceitual mais acentuado. A lógica do *potlatch* funda-se numa condição intertribal de rivalidade em que o chefe de uma tribo desafia o da outra mediante gasto suntuoso de toda a riqueza produzida e acumulada em suas terras em certo período, uma destruição idiossincrática sob a forma de uma despesa [dispensa] improdutiva, gratuita, de um desper-

dício planejado e prazerosamente perdulário, enfim, do excesso culturalmente dissipado mediante acontecimento de estouro, em forma seja de festa exuberante, seja, em sentido diferenciado e extenso (teorizado por Bataille), de guerra.

Em segundo lugar, a escalada em jogo, na noção aqui concebida, não é linearmente evolutiva ou progressiva. Como um fantasma que explode aqui e ali – um *potlatch* de guerra –, a escalada da desmedida, em seu trânsito imperturbável entre territórios nacionais e blocos de poder econômico e político, é agônica: a rigor, não há fio condutor evolutivo explícito entre um acontecimento de desmedida numa época e outro, depois. Ao contrário, a saltos e tortuosidades, sob descontinuidades e retomadas assistemáticas, cada ocorrência se encerra em si mesma, ao totalizar as consequências desencadeadas (sempre imponderáveis) e os resultados esperados (invariavelmente confirmados via discurso oficial). Por certo, o passeio sinistro desse fantasma pelo mundo se torna mais complexo e, aparentemente, se agiganta e se diversifica. Ao que se sabe, o atentado vultoso às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001 foi o feito de maior desmedida que a Al Qaeda protagonizou em toda a história do terrorismo internacional.<sup>10</sup> Entretanto, essa

<sup>10</sup> Esse “estouro” de desmedida soma incomparável agravante a seu favor: a volatilização infinita do mencionado ataque operada pelos *mídia*. Tornou-se comum entre os teóricos do mundo contemporâneo a percepção de que a produção jornalística, que responde por influência acentuada no conjunto das intervenções governamentais, empresariais, grupais e individuais na visibilidade mediática, e que, a bem da transparência e da democracia (de que é, ao fim e ao cabo, pilar e, ao mesmo tempo, refém), acaba por fazer o jogo do terrorismo internacional (cf. Baudrillard, 1983, p.39-67), espalhando o medo que interessa às milícias e redes terroristas e realimenta o imaginário defensivo das populações – imaginário *bunker* (cf. Lasch, 1986, 1991; Trivinho, 2012),





epopeia horrenda, pontilhada aqui e ali, faz-se em correspondência com as condições históricas, socioculturais e econômicas que gestaram tais eventos de desproporção. Essa variável estrutural dificulta, em muitos sentidos, comparações entre os eventos, capazes [elas] de referenciar padrões de evolução, lineares ou não. A escala se coloca, assim, dentro da própria desmedida enquanto esta se processa, materializando relação desproporcional de poderes e forças, baixas militares e mortes civis. De outro ângulo, vice-versa, a desmedida, ao se realizar, contém os elementos factuais e singulares de sua própria escalada.

Fora da curvatura de prioridade quantitativa, não se suspeite haver, em alguma contraface improvável do princípio da desmedida, qualquer exigência, empírica ou objetiva (muito menos pleito teórico, aqui), de equivalência estrita entre ataque e defesa, quer se tome o primeiro como agressão incondicional e arbitrária, quer o segundo como agressão autoprotetora e motivada – uma equivalência supostamente traduzível em algo assim como uma “regra consuetudinária prévia e desejada de guerra”, decalque pálido das chamadas “leis de guerra”, que nem mesmo os Estados de Direito ou de Bem-Estar Social ocidentais levam a sério.<sup>11</sup> Com ênfase, o ma-

---

involuntariamente obcecado por proteção medrada e copiosa contra ameaças contínuas fantasmaticamente providas das tendências beligerantes em curso, reclusas em manancial coletivo insondável, responsável, em última instância, pela reprodução da “ordem das coisas” vigente. 11 Exemplo assombroso a respeito é o Campo de Detenção da Baía de Guantánamo, construído no início de 2012 pelos Estados Unidos, durante a administração George W. Bush, filho, no enclave militar norte-americano no sudeste de Cuba. Complexo de segurança máxima, equivalente a um campo de concentração, Guantánamo, como ficou afamado, destinou-se a encarcerar suspeitos de ações e/ou ligações terroristas, capturados na guerra contra grupos e redes globais armados contra os Estados Unidos, especialmente a Al Qaeda e o Taleban.

Ao longo dos anos, Guantánamo manteve, sob protestos recorrentes da ONU e de organizações de defesa dos direitos humanos, cerca de 800 detentos de mais de vinte países (entre eles Afeganistão, Arábia Saudita, Argélia, Iêmen, Paquistão e Sudão), a maioria sem acusação formal, nem julgamento isento, segundo leis penais internacionais. Um desses prisioneiros, Sami al-Haj, era cinegrafista sudanês da al-Jazira, rede ára-

tiz fundamental da matéria é outro e deve ficar bem assestado: conforme expresso acima, o que chama a atenção na escalada da desmedida é a efetividade fenomênica da desproporção, o detalhe crucial da extrema desigualdade no processo, algo que não escapa à própria percepção de senso comum, atinente à subjetividade prática de leitores, radio-ouvintes e telespectadores, para além de qualquer impressão ou determinação turva diuturnamente legada pelo sensacionalismo jornalístico, sobretudo televisivo.

### 2.3 Especificidade da novidade histórica da desmedida: rediviva fragmentária da Guerra Fria

Se o princípio estratégico da desmedida não constitui, histórica e logisticamente, novidade – Maquiavel (1995, 2001), no século XVI, conhecia-a igualmente bem –, nova é, para além dos mandatórios e tecnocracias em jogo, essa sua propensão planetária, em tendência hegemônica militar, econômico-financeira e cultural, depois da queda do muro de Berlin, da dissolução da União Soviética e do início formal da guerra ocidental contra o terror, sem que houvesse terminado *de facto* a Guerra Fria. A anexação da Crimeia pela Rússia é um indício notável, embora silente, dessa evidência.

Depois da implosão do precário equilíbrio entre Estados Unidos e União Soviética no período da chantagem nuclear, no início dos anos 1990, desdobra-se perigosa tendência – ao que tudo indica, em patamar de intensidade tecnológica acrescida e variada – de mobilização indiscriminada do sem-medida, isto é, do furtrar-se cínica e inteiramente ao princípio político ajuizado da equivalência, para não condicionar contraponto sequencial à altura ou, antes, para produzir de-

be de televisão, sediada no Qatar.

Antes de assumir a presidência do Estado norte-americano, em janeiro de 2009, Barack Obama prometeu fechar esse campo de concentração, em função dos prejuízos multilaterais à imagem dos Estados Unidos no mundo. No início do segundo semestre de 2014, o complexo registrava cerca de 150 prisioneiros, sem previsão de fechamento em razão de conflitos entre governo, Congresso e Pentágono.



## A resiliência institucional advoga húmus dinâmico bastante conhecido. Reciclam-se os atores, arrastam-se as ideologias, sob lastro em estruturas de fundo longevas.

sânimo completo em relação a ela, tanto a curto quanto a longo prazo.

Estados ocidentais com parques tecnológicos e militares mais desenvolvidos do mundo, articulados no G7 (grupo novamente sem a Rússia, doravante expulsa),<sup>12</sup> quase todos signatários da OTAN – e alguns dos quais responsáveis pelo esboroamento da privacidade (na rede virtual e na prática), desde antes do século XX, em comutação discursiva por segurança nacional e proteção contra o terror –, tornaram-se amplamente virulentos: autodemonstram ostensivamente estarem apreciando o jogo da ausência de limites conquistada, palmo a palmo, na guerra contra as burocracias socialistas do leste, especialmente a partir da transição dos anos 1980 para a década seguinte. O megaextenso e sofisticado sistema de espionagem americana, com franjas segredadas sobre praticamente o mundo inteiro, não figura senão como sintoma exemplar desse processo.

Mal cotejando experiências históricas – sem abono a qualquer delas – com procedimentos autocráticos de Estados nacionais, a Casa Branca apoiou, declaradamente, na década de 1980, os contrarrevolucionários antisandinistas pró-Anastásio Somoza na Nicarágua e sabotaram a Frente Farabundo Martí para a Liberação Nacional (FMLN) em apoio ao governo destronado de El Salvador durante a guerra civil de 1980 a 1992. As burocracias do leste alinhadas à então União Soviética até que, nesses casos, se resguardaram, em certo sentido, de sanções ou retaliações desproporcionais, quer econômico-financeiras, quer militares, no fito de não incitar avalanche impon-

derável de repercussões que pudessem culminar na insanidade da declaração efetiva de guerra entre um bloco e outro, um modelo de mundo e outro. Igualmente, sem nenhum referendo a horrores progressos, é ponderável, à luz dos fatos históricos, o argumento de que o equilíbrio do terror durante a Guerra Fria segurava, ao menos, apetites periclitantes propensos ao que então se temia, a hecatombe nuclear. Se energias beligerantes sempre estiveram vivas, atualmente comparecem – até prova consistente em contrário – mais às soltas, um tanto aleatórias,<sup>13</sup> sob a tutela de Estados que, há pouco, conquistaram hegemonia planetária pretensamente absoluta, EUA à frente. Assim como, no capitalismo industrial e/ou pós-industrial, qualquer monopólio econômico-financeiro tende a prejudicar os consumidores, toda hegemonia política e militar se mostra, dia menos dia, socialmente comprometedora, desprovida de autobalizas racionais de sinal vermelho. No retorno histórico-monopolista da escalada da desmedida, o escambo fúnebre continua a ser obviamente com vidas humanas dos dois ou mais lados contendores. O raio da mira abrange os novos pobres, civis locais e disponíveis, fortuitos e “descartáveis”, tomados como reféns “legítimos”, supostamente acidentais – enfim, na circunferência indiscriminada dessa estratégia, implica-se, em palavra única, a multidão, nos termos da epistemologia da biopolítica de Negri e Hardt (2001, 2005) e Virno (2013), com inspiração na tradição micropolítica france-

13 Até onde tangem os dados correntes, sem horizonte, porém, para a mencionada catástrofe, exceto no conhecido terreno das encenações e simulações dos discursos de Estado, destinadas a acirrar o teatro mediático da chantagem política (cf. Baudrillard, 1983, p.14-15), replicada na sequência do texto.

12 Em 1998, a integração da Rússia ao grupo elevou o respectivo dígito, G8, então com Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Canadá e Japão.



A sistematização conceitual e explanativa, com requintes propositivos, da doutrina *Shock and awe* foi feita por Ullman e Wade. Urge, diferentemente, desviar o foco da questão para a natureza fenomênica peculiar da escalada da desmedida.

sa, a partir de Foucault e Deleuze. Desmedida é terror: radicanho no radar da própria lógica que combate, seu diâmetro de instauração sacrifica sempre inocentes, de centenas a milhares.

As sanções belicosamente cifradas à Rússia persistem em patentear que, na segunda década do século XXI, emerge – numa época já sem energias até para perplexidade e espanto, tantas foram as variações da atrocidade – uma rediviva ainda mais caricata e fragmentária da Guerra Fria, a “segunda”, na verdade ininterrupta, insistente na longevidade, num cenário social-histórico transnacional militarmente unipolar, comercialmente multipolar e socialmente pluricultural.

Tais restrições ocidentais fustigam a guerra de chantagem, agora sob novos pretextos estratégicos, com ações reorganizadas entre, por um lado, o robusto *marketing* de guerra em cenários projetados na visibilidade mediática internacional (da imprensa escrita à rede virtual) – na qual se acentua com brutalidades simbólicas como ameaças e provocações absolutas, a título de conflagração informacional à luz do dia – e, por outro lado, a concretude das ações no campo político-pragmático, econômico-financeiro e militar, para além de somente meras ameaças. A ausência de superação efetiva desse grave período histórico (a Guerra Fria) faz fantasmas remanescentes desejarem, de novo, o mundo afora.

Ao fim e ao cabo, vigoram soberanas, mas quase sempre em subtexto, as riquezas petrolíferas em disputa tanto no Oriente Médio, quanto no extremo oeste da Rússia (em relação ao gás fornecido para a Europa, via território ucraniano): ou sua propriedade fica no Ocidente ou essas re-

servas serão barganhadas para o cinturão de influência do Kremlin.

### **3. Comentários finais: novo horizonte de instabilidade estrutural e alternativa contextual possível**

O descrédito do princípio razoável da equivalência, culminando na desproporção hiperbólica do revide entre agentes de diâmetro político transnacional, insiste em lançar (ou manter, como se queira) a humanidade num novo horizonte de instabilidade estrutural e permanente, ao contrário do que os discursos representativos da tendência mundial predominante pretendem fazer crer: riscos de regressão política grassam em todos os poros sociais, em países ocidentais dos hemisférios Norte e Sul, com indícios de perda irreparável de conquistas do Estado de Direito, após longa e épica pressão popular projetada em cada território nacional por movimentos propugnatórios de direitos nos séculos XIX e XX.

A dimensão de perigo (real ou iminente) da desmedida absoluta radica na espiral incontrollável que prende, no estigma e na ira, edulcorados no e pelo discurso diplomático, os polos em jogo: almejando-se sempre ultrapassar o inimigo em matéria de dispêndio de energia e força, o revide jamais se cumpre sem suposição de exageros, antes se realizando no interior da autoconsciência voluntariosa dos mesmos, naturalizando-os e anulando-os, como se fossem quinquilharia inócua dentre as demais coisas e processos banais.

O mundo – especialmente no que respeita à comunidade internacional de cidadãos organizados em diversos países (não somente oci-



dentais) e interessados na instituição de formas alternativas e viáveis de democracia real (isto é, não apenas formal, típica do Estado de Direito), bem como os governos e organizações civis (não governamentais, de comunicação etc.) convictamente vocacionados à defesa das instituições e valores democráticos em âmbito nacional e internacional – precisa conter, de alguma forma, a impetuosidade expansionista dessa tendência política de direita assistemática e internamente dessimétrica, mas armada até os dentes, que se blinda e se camufla sob o escudo discursivo dos direitos humanos e da liberdade e, ao mesmo tempo, se nega veementemente pelos fatos funéreos que promove, como se estivesse acima de qualquer tribunal internacional. Os quatro outros países do acrônimo BRICS – Brasil, Índia, China e África do Sul, à parte a Rússia agora, por motivos óbvios – precisam,

com urgência, alçar voz de incisão mais próxima da ferida (não somente no espaço de disputa da ONU) e autodemonstrar coragem efetiva, fora da borda geopolítica e/ou mediática, para bancar o jogo onde ele é efetivamente jogado, interferindo não somente no movimento das peças, mas também nas regras que presidem o tabuleiro. Até o momento, não há possibilidade de aposta em outra melhor articulação de interesses em prol da reequilíbrio de poderes internacionais e de “paz armada” multilateral mais segura. Os BRICS ainda devem um relato veraz sobre a que historicamente vieram, longe da mera extração oportunista de proveito de circunstâncias, como, no caso abordado, os enormes lucros econômicos por suprimento alternativo à Rússia (feito pelo Brasil, por exemplo) de produtos que ela não tem podido mais importar dos Estados Unidos e da União Europeia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Mínima moralia*. São Paulo: Ática, 1992. (Série Temas / Estudos filosóficos, 30).

BATAILLE, Georges. *A parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo: Ed. 70; Martins Fontes, s. d.

\_\_\_\_\_. *Les stratégies fatales*. Paris: B. Grasset, 1983.

CAILLÉ, Alain. *Critique de la raison utilitaire*. Paris: La Découverte, 1989.

\_\_\_\_\_. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIOT, T. S. O enterro dos mortos. In: -----, *Poesia*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.90. (Coleção Poiesis).

GODBOUT, Jacques T.; CAILLÉ, Alain. *L'èspit du don*. Paris: La Découverte, 1992.

LASCH, Christopher. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *Refúgio num mundo sem coração: a família, santuário ou instituição sitiada*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

MACHIAVELLI, Niccolò. *The prince*. New York: Dover, 1992. (Dover Thrift Editions). Versão do Projeto Gutenberg disponível em: [www.gutenberg.org/files/1232/1232-h/1232-h.htm](http://www.gutenberg.org/files/1232/1232-h/1232-h.htm). Acesso em: 14 set. 2014.

\_\_\_\_\_. *The art of the war*. Boston: Da Capo Press, 2001. (Revised edition).

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: -----, *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU; EDUSP, v. II, 1974. p.39-184.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Império*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. *Multidão*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005.

NICOLAS, Guy. *Don rituel et échange marchand dans une société sahé-lienne*. Paris: Institut d'ethnologie, 1986.



TRIVINHO, Eugênio. Espaço público, visibilidade mediática e cibercultura: obliteração estrutural da esfera pública no *cyberspace*. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*-Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 17, p.266-277, 2010.

\_\_\_\_\_. Visibilidade mediática, melancolia do único e violência invisível na cibercultura: significação social-histórica de um substrato cultural regressivo da sociabilidade em tempo real na civilização mediática avançada. *MATRIZES*-Revista do Programa de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP, v. 2, p.111-125, 2011.

\_\_\_\_\_. *Glocal*: visibilidade mediática, imaginário *bunker* e existência em tempo real. São Paulo: Annablume, 2012.

TZU, Sun. A arte da guerra. In: TZU, Sun; PIN, Sun. *A arte da guerra*: edição completa. Organização e comentário de Ralph D. Sawyer. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p.47-149.

ULLMAN, Harlan; WADE, James. *Shock and awe*: achieving rapid dominance. Washington, D. C.: The National Defense University, 1996. Disponível em: [www.dodccpr.org/files/Ullman\\_Shock.pdf](http://www.dodccpr.org/files/Ullman_Shock.pdf). Acesso em: 16 set. 2014.

VIRILIO, Paul. *Guerra pura*: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *L'écran du désert*: chroniques de guerre. Paris: Galilée, 1991.

VIRNO, Paolo. *Gramática da multidão*: para uma análise das formas de vida contemporâneas. São Paulo: Annablume, 2013. (Coleção Políticas da Multidão).

## 2. Obras consultadas (ambiente de pesquisa)

BARBER, Benjamin R. *Jihad X McMundo*: como o globalismo e o tribalismo estão transformando o mundo. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CHOMSKY, Noam. *11 de setembro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. *Poder e terrorismo*: entrevistas e conferências pós-11 de setembro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Guerra civil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GENOVÉS, Santiago. *El hombre entre la guerra y la paz*. Barcelona: Labor, s/d. (Nueva Colección Labor).

LIDELL HART, Basil Henry. *As grandes guerras da história*. 6. ed. São Paulo: IBRASA, 1982. (Biblioteca história, 9).

NASIRI, Omar. *Por dentro da Jihad*: uma história de espionagem. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RAMONET, Ignacio. *Guerres du XX<sup>e</sup> siècle*: peurs et menaces nouvelles. Paris: Galilée, 2002.

Recebido: 11/10/2014

Aceito: 03/12/2014

